

## LINGUAGEM POÉTICA E TÉCNICA NO *DE RE RUSTICA* DE COLUMELA

Gilson Santos<sup>1</sup>

Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL-UFU)

[gilsonsantos@ufu.br](mailto:gilsonsantos@ufu.br)

### RESUMO

Neste artigo, estudamos, crítica e comparativamente, dois livros (X-XI) do *De re rustica* – tratado técnico sobre a atividade rural em Roma antiga –, de Lúcio Moderato Columela (agrônomo romano do séc. I d.C.), do ponto de vista da construção dos textos, dos significados particulares do caráter de ensinamento e da abordagem de temas vários vinculados à organização do conteúdo instrucional. O ponto de partida do estudo é a conexão temático-intertextual entre eles. O livro X, sobre a horticultura, é um poema didático idealizado como uma espécie de complemento às *Geórgicas IV* (sobre a apicultura) de Virgílio. Esse livro, por ser o único no conjunto do *De re rustica* a ter sido escrito em versos, ocupa lugar especial na obra; além disso, ele é reescrito em prosa, no capítulo 3 do livro subsequente (XI), gerando assim uma versão genericamente distinta (tratado técnico) do poema. Tal reformulação teve por objetivo completar a unidade semântico-formal da totalidade da obra técnica e desenvolver com pormenores questões que, em versos, não poderiam ser tratadas de modo conveniente às necessidades do apropriado tratamento técnico do assunto.

**Palavras-chave:** Literatura agrária romana, *De re rustica*, poesia didática, Tratado técnico.

### ABSTRACT

This paper analyses, critically and comparatively, two books (X-XI) of *De re rustica* – a technical treatise on rural activity in ancient Rome –, by Lucius Moderatus Columella (a 1st century a.D. Roman agronomist), from the points of views of text construction, of particular meanings of its teaching character and approach to several themes linked to the shaping of an instructional content. The starting point is the thematic-intertextual connection between them. Book X (previously translated by us), on horticulture, is a didactic poem conceived as a kind of complement to *Georgics IV* (about apiculture) by Virgil. Unique in the set of books which compounds *De re rustica* that is written in verses, it holds a prominent position in the work; in addition, it is rewritten in prose, in Chapter 3 of the subsequent Book (XI), which implies a distinct genre (technical treatise) of the poem. Such reformulation aimed to complete the semantic-formal unit of the technical work as a whole and develop in details issues which, in verses, could not be appropriately addressed with respect to the subject matter.

**Keywords:** Roman agrarian literature, *De re rustica*, didactic poetry, Technical treatise.

<sup>1</sup> Este artigo se insere como produção vinculada à pesquisa pós-doutoral realizada no IEL-UNICAMP [entre 03 de outubro de 2014 e 23 de julho de 2016], sob supervisão do prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos, a quem agradecemos pela generosa acolhida.

## 1. INTRODUÇÃO AO TEMA

O *De re rustica* de Lúcio Moderato Columela (I d.C.) é considerado, por vezes, não somente a *opus magnum* do agrônomo romano, senão o mais importante tratado técnico que se conservou a respeito da atividade rural da Antiguidade (romana).<sup>2</sup> Na obra, que abriga doze livros em prosa, exceto o livro X (*De cultu hortorum*, “Da cultura do horto”), escrita em hexâmetro datílico e idealizada como um complemento às *Geórgicas IV* de Virgílio, o agrônomo oferece um conjunto de instruções e técnicas minuciosas aos leitores a respeito da atividade rural na Itália antiga.

No livro X, ao assumir o papel de sucessor didático de Virgílio, Columela deixa a grande propriedade rural a que vinha se dedicando nos livros anteriores do *De re rustica*, para descrever um pequeno horto cultivado por um único homem. Tal mudança de perspectiva vinha imposta pelo tom e espírito do poema, evocadores do pequeno horto do velho corcício virgiliano. No prefácio em prosa que antecede o poema propriamente dito, o agrônomo detalha sua empresa:

Recebe, Silvino, a pequena paga restante de teus juro, que eu garantira a ti ao exigires contratualmente. Com efeito, nos nove livros precedentes, eu saldara a dívida, exceto por esta parte, que agoraquito. Resta, então, a cultura do horto, outrora considerada vã pelos antigos agricultores e por eles negligenciada, mas agora concorridíssima. Embora sendo, entre os antigos, mais severa a frugalidade, foi maior para os pobres o acesso aos alimentos, com abundância de leite e carne de animais de caça e domésticos, bem como com água e trigo garantindo o sustento aos mais afortunados e os mais humildes. Logo, como a época seguinte e, mormente, a nossa estabeleceu gastos exorbitantes para os banquetes, e os jantares têm o preço fixado não pelas necessidades naturais, mas pela posição social, a pobreza plebeia, afastada de alimentos mais caros, é constringida aos comuns. Por isso, a cultura do horto, como seus produtos têm mais amplo emprego, deve ser ensinada por nós com mais cuidado do que no-la transmitiram os antigos; e ela, como eu determinara, em prosa reunir-se-ia aos primeiros livros, se a meu propósito inicial não se tivesse imposto teu amiudado pedido, que me prescreveu completar em ritmos poéticos as partes deixadas de lado pelas *Geórgicas*. O próprio Virgílio, porém, indicara deixá-las para serem lembradas pelos pósteros; nem, com efeito, de outro modo devêramos ousá-lo, não fosse pela vontade de honrar fortemente o vate: como se nos movesse o assentimento dele, relutantes, sem dúvida, pela dificuldade do trabalho, mas não sem esperança de sucesso próspero, acercamo-nos de um tema muito magro e quase desprovido de corpo, tão tênue que, decerto, no conjunto da obra inteira, poderia ser contado como partícula de nosso esforço, em si mesmo e, por assim dizer, circunscrito em seus limites, de modo algum atrair o olhar. Com efeito, embora sejam muitos os seus membros, de que podemos dizer algo, tão exíguos

<sup>2</sup> Cf. AGUILAR, 2006, p. 264.

são que, como dizem os gregos, da pequenez inapreensível da areia não se poderia trançar uma corda. Por isso, o que quer que seja aquilo que elaboramos à custa de vigília, não se reivindica a tal ponto o louvor próprio que tem por bem se não desonrar as obras antes publicadas por mim. Mas cessemos já de prefaciá-las.<sup>3</sup>

Do que se depreende da leitura do prefácio, a composição do poema significava completar em versos as partes omitidas nas *Geórgicas*, apesar de ser um empreendimento ousado, a que Columela resistia tanto pela dificuldade mesma da matéria quanto por tratar-se de emular o mestre. Mas, se ele ousara tal empreendimento, foi porque o próprio Virgílio indicara deixá-lo para ser retomado pelos pósteros.

Amparando-nos ainda no prefácio, *De cultu hortorum* é o décimo livro na organização interna do *De Re Rustica*, obra que Columela prometera ao amigo Públio Silvino. Ao entregá-lo, julga amortizada tal dívida, por considerar a cultura do horto a última parte da obra; seguem-se, porém, dois outros livros. Essa aparente incoerência indica que o agrônomo retomou posteriormente a obra e a reelaborou em prosa. Confirma essa teoria uma particularidade encontrada no livro seguinte (XI): no capítulo 3, o autor reescreve em prosa o livro X, derivando do poema didático uma versão genericamente distinta (tratado técnico).

No livro XI (*DRR. XI, 1, 1*), o agrônomo retorna à grande propriedade rural e detalha a relação entre os livros X e XI:

<sup>3</sup> *Faenoris tui, Siluine, quod stipulanti sponderam tibi, reliquam pensiunculam percipe. Nam superioribus nouem libris hac minus parte debitum, quod nunc persoluo, reddideram. Superest ergo cultus hortorum segnīs ac neglectus quondam ueteribus agricolis, nunc uel celeberrimus. Siquidem cum parciore apud priscos esset frugalitas, largior tamen pauperibus fuit usus epularum lactis copia ferinaeque ac domesticarum pecudum carne, uelut aqua frumentoque, summis atque humillimis uictum tolerantibus. Mox cum sequens et praecipue nostra aetas dapibus libidinosa pretia constituerit, cenaeque non naturalibus desiderijs, sed censibus aestimentur, plebeia paupertas submota a pretiosioribus cibis ad uulgares compellitur. Quare cultus hortorum, quoniam fructus magis in usu est, diligentius nobis, quam tradiderunt maiores, praecipendus est: isque, sicut institueram, prosa oratione prioribus subnecteretur exordijs, nisi propositum meum expugnasset frequens postulatio tua, quae praecepit, ut poeticis numeris explerem Georgici carminis omissas partes, quas tamen et ipse Vergilius significauerat, posteris se memorandas relinquere. Neque enim aliter istud nobis fuerat audendum, quam ex uoluntate uatis maxime uenerandi: cuius quasi numine instigante pigre sine dubio propter difficultatem operis, ueruntamen non sine spe prosperi successus aggressi sumus tenuem admodum et paene uiduatam corpore materiam, quae tam exilis est, ut in consummatione quidem totius operis annumerari ueluti particula possit laboris nostri, per se uero et quasi suis finibus terminata nullo modo conspici. Nam etsi multa sunt eius quasi membra, de quibus aliquid possumus effari, tamen eadem tam exigua sunt, ut, quod aiunt Graeci, ex incomprehensibili paruitate arenae funis effici non possit. Quare quidquid est istud, quod elucubrauimus, adeo propriam sibi laudem non uindicat, ut boni consulat, si non sit dedecori prius editis a me scriptorum monumentis. Sed iam praefari desinamus. (DRR. X. Praefatio.)*

Cláudio, sacerdote de Augusto, jovem distinto tanto por sua nobre índole quanto por sua erudição, instigado pelos discursos de vários homens estudiosos e, sobretudo, aplicados à agricultura, obteve de mim que compusesse um tratado em prosa sobre a cultura do horto. E, contudo, não me escapava esse desfecho, quando procurava unir a dita matéria às leis poéticas. Mas a ti, Públio Silvíno, que pedias com insistência o gosto de minha versificação, não ousava negar, eu que tinha a intenção de fazer em seguida, caso te agradasse, o que agora empreendo, a saber, acrescentar as ocupações do horticultor aos deveres do capataz. Embora me pareça ter tratado até certo ponto dessa questão, no primeiro livro *Das coisas do campo*, contudo, como meu amigo, sacerdote de Augusto, solicitava-as frequentes vezes, com igual insistência, excedi o número de volumes que já tinha quase completado e transmiti à posteridade este undécimo livro sobre os preceitos dos trabalhos no campo.<sup>4</sup>

Nesta introdução (*DRR*. XI, 1, 1), Columela nos informa que, atendendo a pedido de Cláudio<sup>5</sup> – do qual sabemos apenas que era jovem, erudito e sacerdote de Augusto –, retomou o livro X do *De re rustica* e o reelaborou em prosa (XI, 3), derivando do poema didático uma versão genericamente distinta. Tal reformulação teve por objetivo completar a unidade semântico-formal da totalidade da obra técnica e desenvolver com pormenores questões que, em versos, não poderiam ser tratadas de modo conveniente às necessidades do apropriado tratamento técnico do assunto. Essa diferença na preceituação do assunto está pressuposta na diferença genérica que ordena maneiras particulares de abordar e desenvolver um tema, segundo o gênero em questão. De fato, a decisão de compor em versos o livro X comprometeu a estrutura e finalidade da obra até então executada, pois o tema “cultura do horto” não recebera o tratamento técnico dos assuntos desenvolvidos nos livros anteriores, o que foi corrigido com a reescritura do poema.

<sup>4</sup> *Claudius Augustalis tam ingenuae naturae, quam eruditionis adolescens complurium studiosorum et praecipue agricolarum sermonibus instigatus extudit mihi, cultus hortorum prosa ut oratione componerem. Nec me tamen fallebat hic euentus rei, cum praedictam materiam carminis legibus implicarem. Sed tibi, Publi Siluine, pertinaciter expetenti uersificationis nostrae gustum, negare non sustinebam, facturus mox, si collibuisse, quod nunc aggredior, ut holitoris curam subtexerem uillici officiis. Quae quamuis primo rei rusticae libro uidebar aliquatenus executus; quoniam tamen ea simili desiderio noster Augustalis saepius flagitabat, numerum, quem iam quasi consummaueram, uoluminum excessi, et hoc undecimum praeceptum rusticationis memoriae tradidi* (*DRR*. XI, 1, 1).

<sup>5</sup> Segundo E.S. Forster e E. Heffner (1968, pp. 48-49. nota a.), responsáveis pela edição de Havard da obra columeliana, o título *Augustalis* (sacerdote de Augusto) tem dois significados. Primeiro, membro do colégio de sacerdotes instituído em Roma por Tibério, após a morte de Augusto, para supervisionar a adoração a Augusto (*Tácito*. *Ann.* I, 54). Tal colégio consiste de vinte e um membros, entre os quais estaria Cláudio, depois Imperador; mas se ele era a pessoa aqui referida, dificilmente teria sido descrito tão simplesmente como *Claudius Augustalis* (Cláudio, sacerdote de Augusto). Segundo significado, pedido de um sacerdote de Augusto que supervisionou os ritos de adoração a César e outros cultos nos *municipia* (municípios ou colônias); esses sacerdotes eram frequentemente selecionados entre *libertini* (homens libertos). Parece que o referido Cláudio mencionado aqui pertencia à última classe, porém, sem mais detalhes de seu nome, nós não temos meio de identificá-lo.

Columela informa-nos (ainda em *DRR*. XI, 1, 1) que o projeto de compor em prosa um tratado sobre a horticultura já lhe ocorrera ao escrever em versos sobre a cultura do horto. Assim, excede o número de volumes que já tinha quase completado e compõe este undécimo livro, em que trata dos deveres do capataz (nos dois primeiros capítulos) e das ocupações do horticultor (no terceiro e último).

Varrão<sup>6</sup> distingue o *uillicus* (capataz), escravo encarregado da administração de uma propriedade rural romana, cujas atribuições seriam, sobretudo, atividades relacionadas ao cultivo do campo, do *magister pecoris* (mestre do rebanho), trabalhador encarregado de monitorar a criação de gado. Columela (*DRR*. XI, 1, 2) não estabelece tal distinção, idealizando a figura do *perfectus uillicus* (“capataz perfeito”),<sup>7</sup> instruído em diferentes ofícios, que também abarcaria funções associadas, em Varrão, ao mestre do rebanho. Para Columela, a horticultura é uma das atribuições do capataz, assim como a criação de animais e a administração geral da propriedade.

## 2. PROÊMIO (*DRR*. X 1-5) VERSUS INTRODUÇÃO À HORTICULTURA (*DRR*. XI 3, 1)

A primeira parte do poema – Introdução (X 1-40) – exhibe quatro seções distintas: um proêmio, que traz uma dedicatória a Silvino e alusão às *Geórgicas* (X 1-5); uma descrição do terreno em que se instala o horto (X 6-26); uma descrição das cercas e da proteção ao horto (X 27-34); e uma invocação às musas e alusão à ordem cronológica adotada na exposição da matéria (X 35-40), da qual não cuidaremos aqui.

No breve proêmio (X 1-5), cinco versos, distribuídos em um único período, indicam-se sucintamente as características essenciais da poesia didática:

<sup>6</sup> *Quare tota pastio, quae coniungitur a plerisque cum agri cultura, magis ad pastorem quam ad agricolam pertinere uidetur. Quocirca principes qui utriusque rei praeponuntur uocabulis quoque sunt diuersi, quod unus uocatur uillicus, alter magister pecoris.* “Assim, todos os assuntos relacionados à criação de animais, que são vinculados quase unanimemente à agricultura, parecem antes dizer respeito ao pastor que ao agricultor. Por essa razão, os responsáveis que são postos à frente de uma e outra atividade também recebem denominações distintas, pois um se chama capataz e o outro, mestre de rebanho.”. (*DRR*. I, 2, 3).

<sup>7</sup> A imagem do *perfectus uillicus* columeliano dialoga com a ideia do *perfectus orator* ciceroniano: de fato, no *De Oratore* e no *Orator*, já se configura um modelo humano ideal, de matriz ciceroniana, em literatura latina, estabelecido a partir de certas qualidades fundamentais e totalizadoras. (Por indicação de um parecerista deste artigo, a quem agradeço pelas valiosas contribuições, pretendo estudar, em momento oportuno, o gênero tratado a partir de diálogo mais profundo com a tradição retórica. Nesse estudo, assinalaria a relação entre o *perfectus uillicus* columeliano e o *perfectus orator* ciceroniano.

Do horto, Silvino, ensinar-te-ei também a cultura  
e aquilo que, outrora, cerceado pelo pequeno espaço,  
ao cantar as alegres searas, os dons de Baco,  
e a ti, grande Pales, bem como os meles celestes,  
Virgílio deixou depois de si a ser retomado por nós.<sup>8</sup>

Columela apresenta-se como *magister* didático e se dirige a seu amigo, Públio Silvino, como *discipulus*. De fato, a poesia didática implica sempre a existência de um destinatário (*discipulus*), com quem o leitor, interessado de alguma forma no tema abordado, se identifica. Por ser um traço genérico, os poemas didáticos da Antiguidade identificam seus destinatários. Em seguida, vem a invocação dos deuses – Baco, divindade que os romanos associavam a Líber, seu deus do vinho; e Pales, divindade dos campos, rebanhos e pastores. A quem (*magister*) pretende ensinar uma matéria específica (no caso, a cultura do horto) impõe-se a necessidade prévia de firmar sua autoridade na inspiração divina. Após a invocação, o agrônomo retoma uma informação já revelada no prefácio, de que o tema da horticultura fora sugerido nas *Geórgicas* por Virgílio. Naturalmente, a postura de ensinamento do *magister* solicita artifícios retóricos e linguagem de caráter demonstrativo adequados a esse fim, e já previstos aqui, no verbo “ensinar-te-ei” (*docebo*).

Nota-se, ainda nessa passagem, que os versos de Columela se referem aos quatro cantos das *Geórgicas* de Virgílio:<sup>9</sup> “alegres searas” se referem ao cultivo de cereais (*G. I*); os “dons de Baco”, ao cultivo de uvas (*G. II*); a “grande Pales”, deusa protetora dos rebanhos, à criação de gado (*G. III*); e “meles celestes”, à apicultura (*G. IV*).<sup>10</sup> Trata-se de indicação do modelo genérico a que o poema se vincula, a marcar a relação intertextual entre os textos.

A horticultura é tratada apenas no capítulo 3 (XI, 3, 1):

Agora que enumeramos os trabalhos que convêm ao capataz executar, cada um em sua própria estação do ano, lembrados de nossas promessas, acrescentaremos a cultura do horto, da qual ele deverá igualmente assumir o cuidado, tanto para reduzir os custos de sua alimentação diária, quanto para oferecer ao seu senhor que chega aquilo que diz o poeta: “iguarias do campo não compradas”.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> *Hortorum quoque te cultus, Siluine, docebo, / Atque ea, quae quondam spatiis exclusus iniquis, / Cum caneret laetas segetes et munera Bacchi, / Et te, magna Pales, necnon caelestia mella, / Vergilius nobis post se memoranda reliquit.* (DRR. X 1-5)

<sup>9</sup> Observação do professor Robson Tadeu Cesila (USP), a que agradecemos a contribuição.

<sup>10</sup> A expressão *mella caelestia* (v. 4) sugere que ele é um dom do céu e dos deuses, e retoma uma concepção dos Antigos, segundo a qual o mel caía do céu e se depositava sobre as flores: “[...] o mel é uma substância que cai do ar, sobretudo por altura do nascimento dos astros e quando se forma o arco-íris. Em geral não há mel antes do nascer das Plêiades [maio].” e, ainda, “[...] o mel não é ela [abelha] que o faz, mas recolhe-o quando ele se deposita” (ARISTÓTELES, 2006, p. 238).

<sup>11</sup> *Et quoniam percensuimus opera, quae suis quibusque temporibus anni uillicum exequi oporteret, memores polliciti nostri subiungemus cultus hortorum, quorum aequae curam suscipere debebit, ut et quotidiani uictus sui leuet sumptum, et aduenienti domino praebeat, quod ait poeta, inemptas ruris dapes* (DRR. XI 3, 1).

Nesta introdução à horticultura (XI, 3, 1), Columela nos informara que o capataz deverá assumir o cuidado da cultura do horto tanto para reduzir os custos de sua alimentação diária quanto para oferecer ao seu senhor “iguarias do campo não compradas”. A encerrar tal introdução, cita um fragmento das *Geórgicas* de Virgílio,<sup>12</sup> contido no episódio referente ao velho corcício, uma espécie de símbolo virgiliano do pequeno agricultor aplicado, que produz em abundância apesar das adversidades naturais impostas pelo ambiente.

### 3. ELEIÇÃO DO LOCAL A SE INSTALAR O HORTO [(*DRR. X 6-26*); (*DRR. XI 3, 3*)]

O segundo componente particularizado da introdução ao poema se refere à descrição do terreno em que deve ser instalado o horto (X 6-26):

Primeiro, dê o lugar para uma horta fecunda  
um fértil solo, soltas glebas e friáveis superfícies,  
que tenha e, escavado, semelhe finas areias.  
E é propícia a natureza do solo que viçosas ervas  
produz e, úmido, faz nascer rubras bagas de engos.<sup>13</sup>  
Com efeito, não agrada o seco nem o que, alagado por um pântano,  
sofre sempre o insulto de queixosa rã.  
então o que espontâneo produz frondosos olmeiros,  
alegra-se com videiras silvestres, eriçado com os bosques  
da pereira-brava ou coberto com os duros frutos da ameixeira  
folga, e se junca com a abundância da espontânea macieira:  
mas rejeita os heléboros<sup>14</sup> e a carpasa<sup>15</sup> de nocivo sumo,  
não tolera os teixos<sup>16</sup> nem mana potentes venenos,  
embora fértil em erva alucinógena produza as flores

<sup>12</sup> *dapibus mensas onerabat inemptis* (“cobria a mesa de iguarias não compradas”). (G. IV, 133).

<sup>13</sup> *engos*: também conhecido por “sabuqueiro menor” – planta de clima fresco e solo fértil. (Cf. GRANATO, 1925, p. 54)

<sup>14</sup> *heléboros*: designação comum às ervas do gênero *helleborus*, plantas muito venenosas, nativas da Europa, Mediterrâneo e Ásia. Algumas são cultivadas pela beleza de suas flores e folhas; outras, para uso como raticidas. Segundo Granato (1925, p. 54), os antigos gregos atribuíam a uma das espécies – *Helleborus Officinalis* ou de Hipócrates – propriedades catárticas, razão pela qual os filósofos a utilizam a fim de se tornarem aptos ao trabalho intelectual.

<sup>15</sup> *carpasa*: planta com propriedades narcóticas (cf. GRANATO, 1925, p. 54).

<sup>16</sup> *teixos*: o extrato das folhas e do córtex dessa planta apresenta, em dose moderada, propriedades anti-reumáticas; em dose elevada, porém, é venenoso (cf. GRANATO, 1925, p. 54).

da mandrágora<sup>17</sup> meio-humana, a triste cicuta,<sup>18</sup> férulas<sup>19</sup> severas para as mãos, os tegumentos da sarça,<sup>20</sup> severos para as pernas, e o paliúro<sup>21</sup> de agudos espinhos. Também haja vizinhos rios, que o duro agricultor sempre atraia em auxílio para as sedentas hortas: ou verta o manancial de um poço não escavado fundo, para que, penoso, não esfalte o ventre de quem tirará inclinado.<sup>22</sup>

Nesta passagem, a exposição do tema segue uma ordem linear, indicada pelo advérbio “Primeiro” (*Principio*, X 6), que lista a primeira obrigação do agricultor, a saber: escolher o local propício à instalação da horta. Esse é o roteiro previsto e apropriado a um texto de caráter demonstrativo, didático e, ainda, retórico – revelar cada etapa do processo de maneira progressiva e ordenada. Seguem-se assuntos intimamente correlacionados a essa escolha: as características físicas do solo favorável ao cultivo de hortaliças (X 6-8); a presença de determinados arbustos que indicam a fertilidade natural do solo (X 9-10, 13-22); a umidade natural ideal do solo (X 11-12); a presença de fonte natural ou artificial de irrigação nas proximidades (X 23-26).

No tratado, Columela indica de modo criterioso o local em que deve ser instalado o horto:

<sup>17</sup> *mandrágora*: planta também denominada “antropomorfa” ou “semi-homo”, muito usada em rituais de magia, pois a forma de suas raízes tuberosas provoca o imaginário por se assemelhar ao ser humano. A forma das raízes inspirou lendas que fizeram crer que a planta nascia de restos mortais de supliciados e, por isso, quando arrancadas, produziam gemidos (cf. GRANATO, 1925, p. 54).

<sup>18</sup> *cicuta*: planta cujo suco, rico em conicina, um dos venenos mais letais que se conhecem, era usado na antiga Grécia para executar condenados, como, por exemplo, Sócrates (cf. HOUAISS, 2001, verbete: *cicuta*).

<sup>19</sup> *férulas*: planta cujo caule era usado em açoite (cf. HOUAISS, 2001, verbete: *férula*).

<sup>20</sup> *sarça*: refere-se, possivelmente, à planta de cujo caule se obtém vara para bater (cf. GRANATO, 1925, p. 54, nota 14).

<sup>21</sup> *paliúro*: planta também denominada “espinho judaico” ou “espinho de Cristo”, porque, segundo a tradição, a coroa de espinhos imposta a Cristo fora feita dessa planta (cf. GRANATO, 1925, p. 54, nota 15).

<sup>22</sup> *Principio sedem numero horto/Pinguis ager, putres glebas resolutaque terga/Qui gerit, et fossus graciles imitatur arenas./Atque habilis natura soli, quae gramine laetol/Parturit, et rutilus ebuli creat uida bacas./Nam neque sicca placet, nec quae stagnata palude/Perpetitur querulae semper conuicia ranae./Tum quae sponte sua frondosas educat ulmos,/Palmitibusque feris laetatur, et aspera siluis/Achradis, aut pruni lapidosi obruta pomis/Gaudet, et iniussi consternitur ubere mali:/Sed negat helleboros, et noxia carpasa succo./Nec patitur taxos, nec strenua toxica sudat,/Quamuis semibominis uesano gramine fetal/Mandragorae pariat flores; maestamque cicutam,/Nec manibus mitis ferulas, nec cruribus aequal/Terga rubi, spinisque ferat palioueron acutis./Vicini quoque sint amnes, quos incola durus/Attrahat auxilio semper sitientibus hortis:/Aut fons illacrimet putei non sede profunda,/Ne grauis hausturis tendentibus ilia uellat (DRR. X 6-26).*

Convirá eleger um lugar, se a condição do terreno o permitir, junto à casa de campo, preferencialmente fértil, e que possa ser irrigado por água de um rio que o atravesse ou, se não houver água corrente, por água de um poço. Mas, para que o poço ofereça garantia segura de perenidade, deve ser aberto somente quando o sol ocupar os últimos graus de Virgem, isto é, no mês de setembro, antes do equinócio de outono: porque as forças de uma fonte são exploradas, sobretudo, quando a terra carece de umidade devido à longa secura do verão. Mas se deve providenciar que o horto não esteja situado abaixo da eira, para que à época das colheitas os ventos não transportem palhas e pó até ele: porque uma e outra coisa é inimiga das hortaliças. [...] <sup>23</sup>

Recomenda-se que seja instalado “junto à casa de campo”, em solo “preferencialmente fértil”, e “que possa ser irrigado por água de um rio... ou água de um poço”. Segue-se prescrição da estação do ano em que o poço deve ser aberto, a fim de que o capataz assegure água disponível às hortaliças durante o outono, quando o solo apresenta maior secura: “antes do equinócio de outono”. Por fim, uma última advertência: “Mas se deve providenciar que o horto não esteja situado abaixo da eira, para que à época das colheitas os ventos não transportem palhas e pó até ele: porque uma e outra coisa é inimiga das hortaliças”.

A seguir, ainda neste parágrafo, Columela complementa a indicação do local reservado ao horto com instruções mais pontuais a respeito de manejo do solo, indicando (a) escavar mais profundamente o terreno, antes que se iniciem as chuvas, para assegurar maior umidade natural dos locais em que não há fonte natural de água ou não é possível providenciar poço para irrigação, e (b) estercar o solo com estrume de burro, boi ou ovelha. O excremento de origem humana, considerado à época de excelente qualidade, “não é necessário empregá-lo, senão em terrenos arenosos ou em areias muito soltas e sem vigor algum, quando se deseja, evidentemente, maior força de nutrição”. Indicadas as maneiras adequadas de estercar o solo, o agrônomo orienta formar os canteiros de tal modo que as mãos dos trabalhadores que hão de capiná-los alcancem facilmente a metade de sua largura e, ao arrancar as ervas daninhas, não pisoteiem as plantas novas, mas, de preferência, entrem por trilhas previamente estabelecidas e capinem primeiro uma metade do canteiro, depois a outra.

<sup>23</sup> *Locum autem eligi conueniet, si permittit agri situs, iuxta uillam, praecipue pinguem, quique adueniente riuo, uel si non sit fluens aqua, fonte puteali possit rigari. Sed ut certam perennitatis puteus habeat fidem, tum demum effodiendus est, cum sol ultimas partes Virginis obtinebit, id est mense Septemb. ante aequinoctium autumnale: siquidem maxime explorantur uires fontium, cum ex longa siccitate aestatis terra caret humore pluuiatili. Prouidendum est autem, ne hortus areae subiaceat, neue per triturationem uenti possint paleas aut puluerem in eum perferre: nam utraque sunt holeribus inimica [...]* (DRR. XI 3, 3).

#### 4. CONFECÇÃO DE CERCA PARA OS HORTOS [(*DRR. X 27-34*); (*DRR. XI 3, 1-2*)]

No poema didático, apenas oito versos foram dedicados à edificação de cercas (X 27-34):

Essa terra, quer com muros, quer com cercas eriçadas,  
 feche-se, para que nem a animais nem a ladrão seja acessível.  
 Nem os trabalhos da mão de Dédalo sejam buscados por ti,  
 nem se elabore com a arte de Policleto, de Frádmon  
 ou de Agelada: mas um tronco de antiga árvore talhado  
 casualmente venera como o Nume de Priapo de terrível  
 membro, que sempre no meio da horta ameace um menino  
 com seu sexo, um ladrão, com a foice.<sup>24</sup>

No que se refere às especificações relativas à confecção de cercas para o horto e às demais medidas protetivas, o poeta recorre a uma série de alusões mitológicas para recomendar os cuidados necessários. Inicialmente (X 27-28), o *magister* aconselha seu *discipulus* a construir muros ou a plantar arbustos espinhosos de modo a formar uma cerca viva. Essa recomendação – simples, direta e desprovida de artifícios poéticos – é significativa, pois traduz valores importantes para os romanos, a saber: na agricultura, valorizam-se a simplicidade, a praticidade e a eficiência do processo produtivo. Assim, nesses versos, a forma reforça a ideia; e a ideia já está representada na forma, isto é, à simplicidade e à objetividade da instrução correspondem a simplicidade e a objetividade da própria expressão linguística que transmite a instrução. Na sequência (X 29-31), porém, a expressão é ornada com quatro metáforas cultas, inspiradas em personagens gregos. O primeiro elemento mitológico se refere a Dédalo, arquiteto que construiu um labirinto em Creta onde ficava encerrado o minotauro; os três seguintes são, nesta ordem: Policleto, Frádmon e Agelada. Todos eles, arquitetos e/ou escultores gregos. O *magister* didático sugere, por meio de tais alusões, que as questões estéticas não são essenciais às atividades agrícolas. E recomenda ao *discipulus* não empregar tempo e dinheiro em obras elegantes, mas pouco eficientes. A primeira referência mitológica, por exemplo, ilustra bem a ideia: o labirinto, em Creta, embora construído com pedras pelo famoso arquiteto, mostrou-se ineficiente, porque não impediu que o invasor (Teseu) o penetrasse e matasse seu habitante (minotauro). Há, nessa passagem do poema (e em outras), uma crítica velada

<sup>24</sup> *Talis humus uel parietibus, uel saepibus hirtis/Claudatur, ne sit pecori, neu peruia furi./  
 Neu tibi Daedaliae quaerantur munera dextrae,/Nec Polyclitea nec Phradmonis, aut Ageladae/Arte  
 laboretur: sed truncum forte dolatum/Arboris antiquae numen uenerare Priapi/Terribilis membri,  
 medio qui semper in horto/Inguinibus puero, praedoni falce minetur. (X 27-34)*

à influência grega nos costumes romanos (não desenvolveremos, aqui, essa questão). A instrução se prolonga pelo início do verso 30, unindo-se, através da conjunção adversativa *sed* (= mas), aos versos que retomam e encerram as indicações de medidas de segurança (X 31-34). Aqui, a preceituação protetiva tem caráter religioso: aliás, um outro traço marcante da cultura romana. Recomendava-se colocar nas hortas uma imagem de Priapo, deus da fertilidade, ostentando seu enorme falo, a fim de estimular a fecundidade das plantas e espantar visitantes indesejados. A imagem poderia exibir adornos; nesse caso, uma foice.

As obras didáticas antigas manifestavam de modos variados o caráter instrucional. Virgílio, por exemplo, sem se descuidar da transmissão de preceitos instrucionais, disseminou longas digressões de caráter essencialmente poético nos quatro cantos geórgicos: no primeiro, a exposição de prodígios que acompanharam a morte de César; no segundo, o elogio à Itália; no terceiro, o episódio da peste que devasta a região alpina do Nórico; e no quarto, o episódio de Aristeu, no qual se insere o de Orfeu e Eurídice. Columela, porém, evita tais desvios da função informativa e se concentra na divulgação “linear” de saberes agrários.

No tratado (*DRR*. XI, 3, 1), Columela inicia a exposição relativa à edificação de cerca viva apoiando-se na autoridade de Demócrito,<sup>25</sup> que afirma agir pouco prudentemente quem protege os hortos com muros de pedras, pois são construções dispendiosas e não resistem longo tempo a chuvas e a tempestades. Nota-se que o agrônomo defende uma postura político-econômica ‘moderna’, que seja eficiente, reduza gastos e gere lucros, e se mobiliza para reformar (quando necessário!) as práticas agrícolas tradicionais.<sup>26</sup>

No parágrafo seguinte (XI, 3, 2), informa que os “autores mais antigos” preferiam a cerca viva à edificada, não só por exigir menor custo, mas também por durar mais tempo, razão por que indicará um método para confeccioná-las. Ao descrevê-lo, baseado nos ensinamentos dos “escritores mais antigos”, indica ser um defensor dos costumes tradicionais, o que lhe assegura autoridade moral para recomendar tal modelo de construção.<sup>27</sup> Em

<sup>25</sup> *Demócrito*: filósofo grego (470-360 a.C). Desenvolveu a teoria atomística, iniciada por Leucipo de Mileto, segundo a qual todas as coisas do universo são compostas de átomos, partículas indivisíveis e em constante movimento.

<sup>26</sup> “Columelle estime donc que les techniques agricoles sont loin d’avoir été développées comme elles l’auraient pu et qu’elles sont restées, sinon primitives, du moins empiriques.” (MARTIN, 1971, p. 319).

<sup>27</sup> “Os Romanos tinham como suporte fundamental e modelo do seu viver comum a tradição, no sentido de observância dos costumes dos antepassados, *mos maiorum*. Esta ideia é, pelo menos, tão antiga como Ênio, em fragmento muitas vezes citado: ‘Nos costumes e varões antigos se apoia o Estado Romano’ [http://www.youtube.com/watch?v=F2Gs\\_ZrU-bY](http://www.youtube.com/watch?v=F2Gs_ZrU-bY)” (PEREIRA, 2009, p. 357).

seguida, especifica o tempo e as condições do solo em que a construção se deve iniciar – “após o equinócio de outono, quando a terra pareça e tenha sido umedecida pelas chuvas”. Atendidas tais condições, o lugar previamente destinado ao horto deve ser circundado com dois sulcos, cujas características são criteriosamente detalhadas: a distância entre eles deve ser de três pés e sua profundidade de dois pés. Depois, listam-se as sementes dos arbustos mais indicados a formar uma cerca viva: “de mais longos espinhos”, “especialmente de silva e de paliúro” “e daquele arbusto que os gregos chamam *cynósbaton*, e nós chamamos ‘espinho de cachorro’”. Seguem-se indicações a respeito do preparo das sementes: elas devem estar maduras e ser misturadas à farinha de algarroba moída; a mistura, depois de borrifada com água, é aplicada a cordas velhas de navios ou a quaisquer outras cordas, que são colocadas em depósito até que termine o solstício de inverno, após um intervalo de quarenta dias, depois do dia treze de fevereiro. Por ocasião do plantio, a água eventualmente depositada nos sulcos durante o inverno deve ser retirada, e a terra solta que foi removida dos sulcos no outono recolocada até a metade de sua profundidade; então, as ‘cordas’ preparadas de antemão são retiradas do depósito, estendidas longitudinalmente nos dois sulcos e cobertas ligeiramente com terra, de tal modo que as sementes dos espinheiros possam germinar e crescer sem dificuldades. Por volta do trigésimo dia, as sementes começam a crescer, e logo devem ser conduzidas em direção ao espaço que existe entre os sulcos, em que deve ser interposta uma cerca de varas sobre a qual os espinheiros de um e outro lado do sulco se apoiem e cresçam.

Nota-se que a linguagem e os modos peculiares de organização do conteúdo referente à descrição da cerca viva são diferentes no tratado e no poema didático. Tal diferença deve ser atribuída a orientações genéricas específicas. No tratado, recomendações e orientações técnicas são detalhadas a ponto de permitirem ao leitor colocá-las em prática, ou enfatizadas, nos casos em que certos cuidados devem ser tomados para evitar eventuais prejuízos.

## 5. EPÍLOGO *VERSUS* CONCLUSÃO [(*DRR. X*, 433-436); (*DRR. XI*, 3, 19)]

O epílogo ocupa os quatro versos finais do poema (X 433-436):

Até aqui, Silvino, eu preceituava o cultivo do horto,  
os ensinamentos do vate celestial Marão ecoando,  
ele que primeiro ousou abrir velhas fontes  
e cantou ascreu poema por cidades romanas.<sup>28</sup>

<sup>28</sup> *Hactenus hortorum cultus, Siluine, docebam/Siderei uatis referens praecepta Maronis, Qui primus ueteres ausus recludere fontes/Ascraeum cecinit Romana per oppida carmen* (*DRR. X*, 433-436).

O *magister* se dirige uma última vez a seu *discipulus*, encerrando suas preleções sobre os temas rurais. Lembra-lhe que retransmitiu os ensinamentos do “vate celestial”, isto é, ‘o que faz vaticínios’, poeta de uma categoria superior, iluminados pelos deuses. Note-se que Columela reverencia Virgílio,<sup>29</sup> poeta que “ousou abrir velhas fontes” – isto é, cantou nas *Geórgicas* temas rurais há muito esquecidos em Roma –, retomando uma tradição iniciada por Hesíodo, cuja pátria é Ascra (daí o termo “ascreu poema”). E, ao encerrar o poema descrevendo essa tradição, ele próprio – Columela – se filia à linhagem de poetas didáticos.<sup>30</sup>

Até aqui julguei que deveria fornecer preceitos sobre a cultura do horto e as obrigações do capataz, embora eu tenha opinado na primeira parte deste tratado que ele deve ser instruído e ensinado em todo o trabalho da agricultura, mas, visto que, normalmente, falta-nos a memória das coisas que aprendemos, e elas se devem renovar mais frequentemente por notas escritas, listei abaixo os argumentos de todos os meus livros, a fim de que, quando uma necessidade o exija, possa facilmente ser encontrado o que se deve buscar em cada um deles e como se deve fazer cada coisa.<sup>31</sup>

No tratado, o parágrafo final do livro XI (conclusão) inicia-se com a forma *hactenus – Hactenus praecipendum existimaui de cultu hortorum et officiis uillici* (“Até aqui julguei que deveria fornecer preceitos sobre a cultura do horto e as obrigações do capataz”) –, que parece retomar o primeiro verso do epílogo do livro X, que se inicia com a mesma forma: *Hactenus hortorum cultus, Siluine, docebam* (“Até aqui, Silvino, eu preceituava o cultivo do horto”). O agrônomo informa que transmitiu ao leitor os preceitos sobre a cultura do horto” (XI, 3) e o informou a respeito das obrigações do capataz (XI, 1-2); no poema didático, porém, Columela não trata dos preceitos do capataz, limitando-se à horticultura. Os termos empregados aqui pertencem ao campo da linguagem técnica agrária, não há digressões ou artifícios literários.

<sup>29</sup> “[...] Columella considera Virgilio un tecnico agricolo sicuramente valido, ed al tempo stesso un grande poeta, il poeta per eccellenza, vate e depositario di un sapere che va al di là della semplice competenza tecnica” (COSSARINI, 1977, p. 229).

<sup>30</sup> “La poesia didattica aveva conosciuto nel periodo di fine repubblica-prima età imperiale una grande fioritura con poemetti di tipo alessandrino sui temi più vari: basti citare, oltre Lucrezio e Virgilio, i testi di Emilio Macro su uccelli, serpenti ed erbe, i *Cynegetica* di Grattio Falisco sulla caccia, gli *Halieutica* attribuiti a Ovidio sulla pesca, le opere astronomiche di Germanico e Manilio” (NOË, 2002, p. 162).

<sup>31</sup> *Hactenus praecipendum existimaui de cultu hortorum et officiis uillici; quem quamuis instructum atque eruditum omni opere rustico esse oportere prima parte huius exordii censuerim; quoniam tamen plerumque euenit, ut eorum quae didicerimus, memoria nos deficiat, eaque saepius ex commentariis renouanda sint, omnium librorum meorum argumenta subieci, ut cum res exegisset, facile reperiri possit, quid in quoque quaerendum, et qualiter quidque faciendum sit* (DRR. XI 3, 19).

Na conclusão (XI, 3, 19), como explicam E.S. Forster e E. Heffner (1968. pp. 170-171. nota a.), responsáveis pela edição de Havard da obra columeliana, o agrônomo pretendia concluir o trabalho neste ponto e, assim, adicionou um tipo de índice dos temas dos onze primeiros livros. Caso tal hipótese esteja correta, quando o autor adicionou o livro XII à obra, ele não transferiu o índice para o final do livro XII, nem alterou o final do parágrafo do livro XI. O índice não nos chegou.

## 6. CONCLUSÃO

Finalizada a análise comparativa de trechos selecionados das obras em questão – livros X e XI (capítulo 3) do *De re rustica* de Columela –, podemos indicar quatro aspectos gerais que as distinguem e formular breves considerações sobre os textos.

A primeira distinção entre as obras em análise se refere à diferença genérico-formal que as distingue de partida, condiciona maneiras diferentes e especiais de acionar a língua e dar forma ao tema. O livro X é um poema didático, caracterizado por certos traços distintivos que particularizam o gênero, como, por exemplo, a onipresença do caráter de ensinamento, o enfoque de temas técnico-filosóficos e a voz de um *magister* didático que se dirige a um *discipulus*.<sup>32</sup> Há outros aspectos prototípicos da poesia didática hesiódica no poema columeliano: emprego do hexâmetro datílico e de painéis ilustrativos, isto é, o conteúdo técnico é organizado segundo operações calculadas de seleção e omissão de termos, segundo intenções ideológicas e efeitos poéticos pretendidos.<sup>33</sup> A extensão do poema hesiódico (entre 765 e 828 versos, dependendo da versão considerada genuína) é uma referência para seus sucessores didáticos, mas cada um dos cantos das *Geórgicas* apresenta extensão bem inferior a do seu predecessor didático, 436 versos.<sup>34</sup>

<sup>32</sup> Cf. TOOHEY, 1996, p. 21. *apud* TREVIZAM, 2006, p. 147.

<sup>33</sup> Cf. Trevizam, 2006, p. 152.

<sup>34</sup> “There are other aspects of the *Works and Days* which are prototypical for didactic epic. The metre is the dactylic hexameter. The majority of subsequent didactic poems will adopt this as their standard. Length is also important. Hesiod once again sets a benchmark. We can see this more readily by comparing later didactic poems. The length of the *Works and Days*, between approximately 764 and 828 lines (it depends on whether you take vv. 765-828 as genuine), represents what seemed to become a fairly standard span for a book of didactic verse. [...] And finally there is the use of the illustrative panel. The *Works and Days* exhibits ample use of this” (TOOHEY, 1996, p. 23).

O livro XI, por outro lado, é um tratado técnico em prosa.<sup>35</sup> De modo geral, os traços característicos que lhe distinguem são: emprego de linguagem técnica agrícola<sup>36</sup> que se distingue, sobretudo, pelo léxico;<sup>37</sup> estilo elevado,<sup>38</sup> o que representaria um obstáculo para a difusão posterior da obra;<sup>39</sup> busca constante da *uariatio* na sintaxe e no léxico; gosto pela disposição simétrica ou correlativa dos membros da frase; observância das normas da prosa métrica;<sup>40</sup> personificação e descrição recorrentes.<sup>41</sup>

A segunda distinção se refere à forma especial de acionar a língua latina. No tratado, as descrições apresentam, via de regra, caráter prescritivo. A linguagem técnico-científica, afim à forma linear, clara e objetiva requerida pela finalidade instrucional do gênero, e a pormenorização de instruções variadas tornam o texto uma fonte aparentemente segura para orientação do leitor interessado em questões agrárias: digressões ou artifícios literários que interrompem a instrução linear e progressiva são praticamente inexistentes; as informações são organizadas em tópicos, segundo a ordem natural em que o processo é desenvolvido. Na exposição da matéria, destacam-se, ainda, dois aspectos recorrentes e essenciais no tratado columeliano: o diálogo crítico com a tradição agrônômica como argumento de autoridade e a preocupação de caráter eminentemente econômico.

<sup>35</sup> Na história da língua latina, nenhum setor da prosa está melhor representado que o referente aos tratados técnicos de agricultura, considerando que, da Antiguidade latina, muitas obras da literatura romana se perderam. A única obra completa, anterior à época clássica, é o *De agricultura* de Catão Censor. De Varrão de Reate, autor contemporâneo de Cícero e César, chegou-nos o *De re rustica*. Do início do período imperial são o *De re rustica* de Columela e os livros XVII-XIX da *Naturalis historia* de Plínio, o velho. E, já de época tardia (IV-V d.C.), o *Opus agriculturae* de Paládio (cf. ARMENDARIZ, 1995, p. 9).

<sup>36</sup> “La lingua agricola [...] è soprattutto quella che emerge dalle opere di carattere specifico, a cominciare dal *De agri cultura* di Catone (II secolo a.C) per giungere all’*Opus agriculturae* di Palladio, in 14 libri, testimonianza dell’interesse per l’argomento ancora vivo nel IV secolo” (MEO, 2005, p. 25).

<sup>37</sup> Cf. MEO, 2005, p. 34.

<sup>38</sup> “Le tout dans un style d’un classicisme parfait, constamment soutenu, dont l’emploi s’explique sans doute par son désir de donner à l’agronomie ses lettres de noblesse, en ne se permettant aucun relâchement, aucune négligence au niveau de l’écriture” (MARTIN, R.; GAILLARD, J. 1990, pp. 176-177).

<sup>39</sup> Cf. ARMENDARIZ, 1995, pp. 32-33.

<sup>40</sup> “La recherche du rythme dans l’énoncé, fait universel, a joué un rôle particulièrement important en latin, à toutes les époques. Outre les raisons qu’a l’écrivain ou le sujet parlant d’ordonner les éléments de l’énoncé en fonction du sens et selon les règles de la syntaxe, il éprouve en outre le besoin dans certains cas de réaliser une succession de membres et d’intervalles propre à satisfaire l’oreille. [...] La constitution rythmique de la phrase se présente particulièrement dans ce type d’énoncé intermédiaire entre prose et poésie que l’on a désigné du nom de ‘*carmen*’. [...] Le nombre des membres composants n’est pas indifférent. [...] [Cicéron] nous dit ([*De orat.*] IV, 19, 26): ‘ex duobus membris suis haec exornatio potest constare’ [...], mais, ajoute-t-il, ‘*commodissima et absolutissima est quae ex tribus constat, hoc pacto*’”. (MAROUZEAU, 1946, pp. 287-289).

<sup>41</sup> Cf. ARMENDARIZ, 1995, p. 32.

No poema, o conteúdo estritamente informativo é conciso e informações capitais à edificação da cerca viva são omitidas, sugerindo aparente descuido quanto à transmissão de preceitos instrucionais. Tais particularidades do texto devem ser interpretadas como artifício poético, cujo fim é selecionar os elementos instrucionais essenciais e apresentá-los de forma estilizada. Depuram-se algumas instruções e apresentam-se concentradas, e estilizam-se outras.

A terceira distinção fundamental entre as obras diz respeito à eleição e organização do tema. O livro X é dedicado unicamente à horticultura. O livro XI, por sua vez, aborda o tema da horticultura juntamente com outras atribuições do capataz. Como já dissemos, Columela (*DRR.* XI, 1, 2) idealiza a figura do *perfectus uillicus* (“capataz perfeito”), instruído em diferentes ofícios, que abarcariam também as funções associadas, em Varrão (*R.* I, 2, 3), ao *magister pecoris*. A horticultura é uma das atribuições do capataz, assim como a criação de animais e a administração geral da propriedade.

A quarta distinção, por fim, diz respeito à finalidade das obras. Se considerássemos as três finalidades da retórica antiga (*docere, delectare e mouere*), poderíamos dizer que, no livro X, o *delectare* predomina sobre as demais funções; e no XI, o *docere*. Seria interessante, de fato, desenvolver este estudo comparativo acionando, além das referidas finalidades da retórica, as suas partes, sobretudo *inuentio, dispositio* e *elocutio*. No livro XI, certas passagens – como, por exemplo, *Democritus... affirmat has ipsas bestiolas enecari, si mulier, quae in menstruis est, solutis crinibus et nudo pede unamquamque aream ter circumeat: post hic enim decidere omnes uermiculos, et ita emori.* (“Demócrito... afirma que esses mesmos pequenos vermes são mortos, se uma mulher, que está no período menstrual, circula três vezes cada canteiro com seus cabelos soltos e pés descalços: pois, após isso, todos os pequenos vermes caem e, então, morrem.”)<sup>42</sup> – têm como fim imediato a divulgação de saberes técnicos que subordinam a linguagem a seu uso concreto; mas, no livro X, a passagem anterior seria modulada, a fim de preservar a beleza formal da linguagem poética: *At si nulla valet medicina repellere pestem, / Dardaniae veniant artes, nudataque plantas / Femina, quae, iustis tum demum operata iuvencae / Legibus, obsceno manat pudibunda cruore, / Sed resoluta sinus, resoluta maesta capillo, / Ter circum areolas et saepem ducitur horti. / Quae cum lustravit gradiens, mirabile visu! / Non aliter quam decussa pluit arbore nimbus / Vel teretis mali, vel tectae cortice glandis, / Volvitur in terram distorto corpore campe.* (*DRR.* X, 357-366), “Mas, se remédio algum pode repelir a peste, / Venham as artes dardânicas<sup>43</sup> e uma mulher de pés / Nus que, pela primeira vez, cumprindo as leis cabíveis / A uma jovem,

<sup>42</sup> *DRR.* XI, 3, 18.

<sup>43</sup> *artes dardânicas*: Dárdano foi o fundador da Dardânia, depois denominada Troia. Possivelmente, as “artes dardânicas” se referem às práticas mágicas de origem asiática (da Ásia Menor, onde se localiza Troia), empregadas em Roma.

esvai-se vergonhosa em sangue imundo,<sup>44</sup>/Mas de seios livres e de cabelos soltos em desalinho/Três vezes se conduz em torno dos canteiros e da sebe do horto./Quando ela purificou caminhando (coisa admirável de divisar!), /Assim como, sacudida a árvore, chove uma torrente/Quer de redondos pomos, quer de bolotas cobertas por casca, Volta-se à terra com corpo sinuoso a lagarta.” Essa modulação pertence ao campo da *elocutio*. O emprego de digressões, ao da *dispositio*; e a seleção de temas em função de seu potencial poético, ao da *inuentio*.

A literatura latina oferece muitos caminhos a quem se propõe explorar campos menos desbravados. A literatura agrária latina, por exemplo, é um tema pouco prestigiado nos estudos clássicos, cuja maior parte das obras “técnicas” é, ainda hoje, pouco conhecida dos latinistas (e nem os manuais de História da Literatura Latina conferem a tais textos, fundamentais para conhecermos a cultura romana, o espaço desejável).<sup>45</sup> A literatura romana não se esgota no cânone literário, “literatura não são apenas poetas e prosadores que os cânones escolásticos selecionaram e impuseram; literatura é toda a massa de textualidade que Roma produziu, da mais elevada à mais modesta, da pública à privada.”<sup>46</sup> A desatenção à literatura latina é um fenômeno característico da modernidade,<sup>47</sup> que, cética em relação à aplicabilidade do conteúdo instrucional de tais obras, acreditou ausente a razão fundamental que havia assegurado a transmissão e leitura da literatura técnica. E não foi suficiente à preservação do *status* de que ela gozou até então o prazer estético que poderia ocasionar, pois os leitores, pouco a pouco, perderam a capacidade de apreciar-lhe a forma. A recuperação e estudo dessa literatura é essencial como fonte de conhecimento da cultura letrada da Antiguidade romana. Este trabalho representa uma pequena contribuição a essa causa a que nos ligamos.

<sup>44</sup> *pela primeira vez... esvai-se vergonhosa em sangue imundo*: referência ao primeiro fluxo menstrual.

<sup>45</sup> Cf. AGUILAR, 2006, pp. 15-21.

<sup>46</sup> CAVALLO, G.; FEDELLI, P.; GIARDIA, A., 2010, pp. 13-14.

<sup>47</sup> “En toda la época medieval y en el Renacimiento europeo se tuvo en gran estima este tipo de literatura que proporcionaba a la vez el disfrute formal de la composición literaria de acuerdo a los parámetros clásicos de la retórica del discurso escrito y el aprovechamiento práctico de la exposición de conocimientos, técnicas y artes de enorme utilidad y valor pragmático” (AGUILAR, 2006, p. 16).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILAR, D. P. (2006). *El panorama literário técnico-científico em Roma (siglos I-II D.C.): "et docere et delectare"*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- ANDRÈ, Jacques (2009). *L'alimentation et la cuisine à Rome*. 2ª ed. Paris: Les Belles Lettres.
- ARISTÓTELES (2006). *História dos animais*: I. Tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva. Lisboa: INCM.
- ARMENDÁRIZ, J. I. G. (1995). *Agronomía y tradición clásica: Columela en España*. Sevilla: Universidad de Cádiz/Universidad de Sevilla.
- COLUMELLA (1977). *L'arte dell'agricoltura* [Título original: *Rei rusticae*]. Tradução de R. C. Onesti, introdução e notas de C. Carena. Torino: Einaudi.
- COLUMELLA (1968). *On agriculture* [Título original: *Rei rusticae*]. London: Harvard University Press, 3v.
- CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A. (2010). *O espaço literário da Roma antiga. Vol. I: a produção do texto*. Tradução de Daniel P. Carrara e Fernanda M. Moura. Belo Horizonte: Tessitura, pp. 87-121.
- COSSARINI, A. (1977). Aspetti di Virgilio in Columella. *Prometheus*. Firenze, n.3, pp. 225-240.
- GAFFIOT, F. (1934). *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette.
- GRANATO, Lourenço (1925). *Columela e o seu livro Cultura das Hortas*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato.
- GRIMAL, P. (1993). *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- GRIMAL, P. (1985). *Virgile, ou la seconde naissance de Rome*. Paris: Flammarion.
- HESÍODO (2013). *Trabalhos e Dias*. Organização e tradução de Christian Werner. São Paulo: Hedra.
- HOUAISS, Antônio (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- MAROUZEAU, J. (1946). *Traité de stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres.
- MARTIN, R. (1971). *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales*. Paris: Les Belles Lettres.
- MARTIN, R.; GAILLARD, J. (1990). *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan/ Scodel.
- MEO, C. de (2005). *Lingue tecnica del latino*. 2ª ed. Bologna: Pàtron, 2005.
- NOÈ, E. (2002). *Il progetto di Columella: profilo sociale, economico, culturale*. Como: Edição New Press.

- PEREIRA, M. H. da R. (2009). *Estudos de história da cultura clássica. V. II: cultura romana*. 4ª ed. Lisboa: Gulbenkian.
- SARAIVA, F. R. dos S. (1993). *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier.
- TOOHEY, P. (1996). *Epic lessons. An introduction to ancient didactic poetry*. London/ New York: Routledge.
- TREVIZAM, M. (2006). *Linguagem e interpretação na Literatura Agrária Latina*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- TREVIZAM, M. (2014). *Poesia didática: Virgílio, Ovídio e Lucrécio*. Campinas: Editora da Unicamp.
- VARRÃO (2012). *Das coisas do campo* [Título original: *De re rustica*]. Tradução, introdução e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Editora da Unicamp.
- VIRGÍLIO (2008). *Bucólicas, Geórgicas, Apêndice Virgiliano*. Introducción general J. L. Vidal. Traducciones, introducciones y notas por Tomás de la Ascención Recio García y Arturo Soler Ruiz. Madrid: Gredos.
- VIRGÍLIO (2013). *Geórgicas I*. Organização e tradução de Matheus Trevizam e tradução de António Feliciano de Castilho. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- VIRGÍLIO (2007). *Georgiche*. 2ª ed. Milano: Oscar Mondadori, 2007. Introduzione di Gian Biagio Conte. Testo, traduzione e note a cura di Alessandro Barchiesi.